

Ressignificações de um debate trinitário (Sécs. IV e V): um estudo sobre a disputa pelo significado da "Humanidade de Cristo" na Modernidade¹

Michael Floro

Graduando em História, UFRJ; Apoio à Pesquisa

Neste ensaio, objetivou-se construir uma análise comparativa dos debates e disputas acerca da significação da figura de Jesus Cristo ocorridos em duas temporalidades distintas. Para tal, foram utilizadas as contendas sobre o Dogma Trinitário, dos séculos IV e V d.C., como subsídios para problematizar estas disputas religiosas, diretas ou indiretas, em torno das características humana e/ou divina de Jesus Cristo no ambiente de profunda conturbação político-religiosa do início do período moderno; isto é, o período das reformas religiosas. Com base nos escritos deste período da Idade Moderna, contando ainda com o acréscimo da consulta a diversas obras sobre o Dogma Trinitário supracitado, reimpressas por toda a Europa do período moderno e que constam em abundância nos arquivos da Fundação Biblioteca Nacional, analisamos os diversos significados e apreensões dos cristãos antigos e modernos acerca da figura da segunda pessoa da trindade.

Faz-se necessário uma maior precisão acerca do que foi utilizado como subsídio para esta análise, isto é, a problemática sobre o Dogma Trinitário dos séculos IV e V d.C. De antemão, entretanto, é preciso dizer que há uma clara confluência, a partir da relação objetivamos realizar, entre os dois períodos citados, a antiguidade e a modernidade, sobretudo em relação ao campo religioso.

Nos séculos IV e V d.C. ocorreram importantes conflitos político-religiosos, em que confluíram em constantes embates grandes nomes ligados às crenças cristãs de então, com grande relevância para a relação com o poderio político, sobretudo na figura do imperador e dos funcionários administrativos. O Império Romano era, neste momento, cuja capital era Constantinopla, sediada na parte oriental de seu território, conhecido atualmente como o oriente do continente europeu, e lá, por conseguinte, residiam importantes nomes destes grandes conflitos da época.²

¹ Este ensaio é fruto de uma pesquisa que durou o tempo de um ano, período do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP) da Fundação da Biblioteca Nacional - FBN - Rio de Janeiro 2015/2016.

² PAPA. *Uma análise político-religiosa da contenda entre Basílio de Cesareia e Eunômio de Cízico...*, 2013.

Fora nesta conjuntura onde surgira a discussão acalorada acerca do Dogma Trinitário, com grande centro de disputas entre os grupos cristãos denominados Nicenos e Arianos. Nela, questionaram-se importantes homens do ambiente político-religioso do Império acerca da divindade de Jesus Cristo, tema tão caro ainda ao catolicismo atual.

Nesta época, como é evidente, o cristianismo ainda não constituía-se como hoje o entendemos. Seu caráter ainda em formação é evidência dessas constantes problemáticas religiosas que caracterizaram os séculos IV e V d.C. Por este motivo, nestes séculos realizaram-se, através de grupos de diferentes perspectivas religiosas, constantes discussões acerca de uma necessidade de padronização da religião cristã, que vinha constituindo-se como parte integrante do poder político do Império. Estas diferenças, ademais, cristalizaram-se em políticas de embate.

Em termos religiosos e filosóficos, os cristão arianos negavam a divindade consubstancializada de Jesus Cristo. Tinham como crença a ideia de que na Trindade cada um tem em sua própria substância um caráter divino; ou seja, que existem graus hierárquicos entre suas formações, que o Pai está sobre o Filho e estes sobre o espírito. Cristo, portanto, era perfeito em si mas não compartilhava da mesma natureza do Pai.

O arianismo é caracterizado como uma dissidência teológica dentro do Cristianismo.³ Os arianos não formaram, ademais, uma única grande reunião de crenças horizontalizadas. Conferem ao arianismo os grupos chamados "semi-arianos" e "neo-arianos" ou "eunomeanos", este último com base na influência do nome de Eunômio de Cízico (? - 393). Essas ideias tiveram larga expansão e propagaram as ideias advindas de Ário (280-335), seu precursor, até consolidar-se como crença "herética" após o Concílio de Constantinopla (381 d.C.).

Os cristãos nicenos, por sua vez, defendiam a ideia de que Jesus era divino. Isto é, que o Pai, Filho e o Espírito Santo tinham caráter unitário. O nome deste grupo fora eternizado pelo Concílio de Nicéia, de 325 d. C., evento no qual suas crenças foram homologadas, sobrepondo a dos arianos - Eusébio de Cesareia (265 d. C. - 339 d. C.), um dos grandes nomes nicenos, teve sua proposta religiosa como a "vencedora". Este concílio fora reunido para frear o avanço das ideias arianas nos terrenos que compreendiam parte do poder do império romano.

Faz-se necessário a ressalva de que estes mesmos ideais religiosos e filosóficos reaparecem no período moderno, e é isto que torna o Dogma Trinitário da antiguidade

³ SPINELLI. A controvérsia de Basílio com Eunômio, o teórico do arianismo., 2015, p.632.

tardia tão importante como base subsidiária para a análise que se propõe acerca destes assuntos no início do período moderno. Ademais, um importante dado não pode passar despercebido: seu caráter de vínculo político-administrativo.

Como expõem as obras "*Uma análise político-religiosa da contenda entre Basílio de Cesareia e Eunômio de Cízico (séc. IV d.C.)*"⁴ e "*A autoafirmação de um Bispo: Gregório de Nissa e sua visão condenatória aos Eunomianos (360-394 d.C.)*"⁵, estes embates religiosos estiveram estreitamente vinculados a interesses políticos e administrativos do império romano daquela época, pois estes homens não enxergavam, como à modernidade e à contemporaneidade, as instâncias políticas e religiosas como distintas em termos teóricos e práticos.

Os arianos tiveram ao seu lado imperadores como Constâncio II (317- 361 d. C.), que, com a morte de Constantino, em 337 d.C., ficou responsável pela parte oriental do império, convocou constantes concílios e obrigou boa parte de seus governáveis a sustentarem o arianismo, e Valente (364-378 d.C.), que pelo mesmo motivo de Constâncio ficou a cargo de governar o lado ocidental do domínio imperial. Ambos os imperadores impuseram o arianismo em todo o território compreendido por seus governos.

O arianismo não fora varrido da relação com o mais alto escalão político de Roma e Constantinopla. Estudos recentes⁶ mostram que, mesmo com a oficialização do cristianismo niceno realizada pelo Imperador Teodósio I (379-395 d.C.), este continuou negociando com outros grupos de cristãos, inclusive com os godos no ocidente que professavam práticas adeptas ao arianismo.

Estes dados servem-nos sobretudo como importantes olhares acerca do que notabilizaram as reformas religiosas do período moderno. Afinal, os preceitos "vencedores" destas disputas foram aqueles que mais estiveram próximos do poder. De formas equivalentes, *grosso modo*, as reformas de sucesso no período moderno seguiram a mesma ordem de funcionamento; isto é, uma conjuntura política real e poderosa que garantira a sustentação dos preceitos religiosos em disputa.

Cabe ressaltar, ademais, que não ficara restrito a esta época questões de cunho exegetic: em sua obra "*A Filosofia Medieval*" - um conhecido "manual" da filosofia do mundo medieval do ocidente e oriente-próximo -, livro que se encontra no acervo de

⁴ PAPA, op. cit., 2013.

⁵ PAPA. *A autoafirmação de um Bispo...*, 2014.

⁶ PAPA. *Relações de Poder entre Bispo e Imperador...*, 2016.

obras gerais da Fundação Biblioteca Nacional, Alain de Libera⁷ - renomado historiador francês da atualidade - explicita, entre muitas outras coisas, que a teologia trinitária formara o grande alicerce da cultura filosófica ocidental até os anos mil. O historiador, evidentemente, refere-se aos moldes da filosofia enquanto disciplina monástica. Ela, ainda alerta Libera, tomará outras formas no decorrer dos séculos - como quando, ainda presente no texto, houve a querela sobre a pobreza de Cristo, que opôs a ordem franciscana ao papa João XXII, no século XIV⁸. Essa querela, ademais, sobretudo devido às suas nuances filosóficas, voltará a ser discutida no decorrer deste ensaio.

A magnitude das contendas supracitadas - isto é, sobre o Dogma Trinitário dos séculos IV e V d. C. - é evidenciada pelas datas das (re)impressões dos escritos sobre esses temas caros à Antiguidade Tardia, que variam entre 1482 e 1768. Refere-se aqui a todas que encontram-se disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional, objeto de estudo de Helena Amália Papa e exposta no apêndice deste ensaio.

Entre os séculos XV e XVIII - em especial o XVI, como aponta o número de obras citadas acima (são 14)-, a Europa clamou por referências dos antigos, especialmente, neste caso, dos escritos sobre o debate acerca do dogma trinitário. Para nós, a datação e os locais de circulação destas obras são, sem dúvida, de extrema relevância. Especialmente devido às intervenções religiosas do século XVI, especialmente a feita por um monge agostiniano de nome Martinho Lutero (1483-1546).

Lutero, que visava grandes reformas político-religiosas à Igreja de Roma, através de suas "95 *teses*" se concentrara sobretudo aos tratos econômicos dos religiosos - de exemplo, serve-nos os casos de vendas de indulgências, empreendimentos de Roma comuns no norte do continente europeu. Ele também expôs, em outras obras, como a "*Carta à nobreza cristã de Nação Alemã*" - que encontra-se no setor de Obras Gerais da Fundação Biblioteca Nacional numa edição em língua francesa⁹ -, seu comprometimento com a mudança de postura estrutural, econômica e teológica da Igreja Romana, discorrendo contra o que se chamou de "três muralhas".

Lutero, como todos, é homem de seu tempo. Sua preocupação, assim como as das outras manifestações religiosas de grande porte do período, não era somente direcionada aos aspectos econômicos. A leitura acerca da vida religiosa era objeto central. Exemplo maior não há do que a discussão, exacerbada, sobre a conduta do fiel -

⁷ LIBERA. *A Filosofia Medieval*, 1998.

⁸ *Ibidem*, p. 462.

⁹ LUTHER. *A la noblesse chrétienne de la nation allemande...*, 1952.

do religioso, protestante ou católico. De um lado (não somente de Lutero, mas também de outros) a condição humana, ligados aos feitos e condutas de Jesus. Do outro, católico-romano, a divindade, garantia de autoridade da fé católica em Cristo.

E estas são as maiores preocupações deste ensaio. Estas disputas acerca do que se chamou "*humanidade* de Cristo" - o que inclui sua negação, ou seja, a sua *divindade* - formam o elo entre o problema sobre o Dogma Trinitário da Antiguidade Tardia e o contexto religioso do XVI, que é trato desta investigação histórica.

É preciso, portanto, entender mais profundamente estas localidades, estes períodos, estes agentes. O processo intenso de mudanças estruturais na Europa do início do período moderno podem servir de ferramentas teóricas para a compreensão destas questões levantadas pelos reformadores do XVI. As localidades: cidades, aldeias e agrupamentos urbanos e rurais. O período: de conturbação constante e praticamente onipresente. Os agentes: reflexos de espaço-tempo, sobretudo. Assim se fez o período das Reformas, nestes três pilares geográficos. Sendo o Calvinismo fruto de seu local citadino, o Anabatismo das aldeias e Lutero da realidade feudal da Alemanha de então.

Lutero, assim como acontecera cem anos antes de sua época - no início do chamado Renascimento Italiano -, se encontrara numa Alemanha de profundo crescimento demográfico. Circulavam grupos, nestes locais, anunciando o fim do mundo, algo que tornara-se comum. A expansão da Igreja de Roma ao norte do velho continente, no entanto, não assume o devido controle, aos olhos de gente como Lutero, desta profunda confusão religiosa. Vê-se, portanto, um grande motivador de suas críticas, aqui anteriormente citadas. Ainda assim, diz-se que foi às portas de um castelo em Wittenberg onde protestara contra a Igreja Católica romana.

Tardio, o Calvinismo representara, em termos teóricos, a reforma citadina. No contexto religioso já muito conturbado, especialmente através da figura de João Calvino (1509-1564), era imagem de sua cidade: Genebra. Cidade episcopal, só se tornou livre através da atuação deste personagem. Esta liberdade marca, devido à sua localização geográfica estratégica - caminho de rotas de então - um ganho não só político, pois instaura-se novos arranjos eclesiásticos, mas também econômicos. Nos debates religiosos, tirando Deus da questão, pondo nas mãos dos homens o direito de escolha, o calvinismo é, como já dito, a maior expressão de cidade em constante crescimento. Temas como a providência divina, tão caro às filosofias medieval e moderna, é tratado de forma prática, mais "moderna".

O anabatismo fora, porém, de longe o representante de mais profundo perigo à Igreja Romana. Formado por camponeses e trabalhadores diversos, possuíam profunda autonomia religiosa e social, sempre em grande número - devido principalmente ao seu local de origem. Por conta desta independência, agiam de forma alheia aos preceitos da Igreja de Roma, estranha e distante desta realidade. Batizava-se, entre estes, os adultos. Acreditava-se ser o cristianismo algo do controle do cristão, e não da Igreja. Seus líderes religiosos eram padres de vida "normal", "comum". Viver de acordo com as escrituras sagradas, viver de acordo com Cristo, portanto. Formam, a saber, a leitura prática e camponesa da conduta de Jesus Cristo: uma mudança de comportamento em sete dias da semana.

"Viver de forma simples" significaria viver conforme viveu Cristo? Não exatamente. Lutero, em suas "95 teses", já demonstrara a infelicidade dos alemães com a exploração economicamente "mundana" sobre os fiéis, em detrimento da simplicidade que, acreditava Martinho, fazia parte do real legado de Jesus Cristo. A dissociação entre homens e Deus fazia-se, portanto, necessária, para assim demarcar o terreno "simples" ao pecador romano.

Parte crucial da grande crítica luterana, Deus é entidade infinita, enquanto o homem é entidade finita. O homem deve, para Lutero, viver de forma simples. Mas é na estrutura eclesiástica medieval em que Lutero se baseia. A "mudança", para ele, acontecia, digamos, apenas aos domingos de missa. Ainda que de forma simples, não exatamente "de acordo com as escrituras", projetadas sobretudo no sofrimento de Cristo enquanto em vida, como os anabatistas.

Por tudo isso, o objetivo de Lutero era dar à nobreza alemã todo o crédito para esta ter o controle da Igreja na Alemanha. A Igreja é instituição humana, e os mais adequados a esta função seriam, para Martinho Lutero, os nobres alemães, pois estes estavam de acordo com a conduta "simples" que regia sua fé. E, como ele mesmo diz nas suas teses, o papa é também humano. Ora, como vender indulgência, fruto da atuação divina, sendo um homem?

É uma questão, esta político-religiosa de Lutero, muito discutida pela historiografia que ocupou-se das obras do monge agostiniano. É larga a ênfase que dão a esta questão. Valdo Vinay, teólogo e escritor italiano, na introdução da obra "*Scritti Religiosi di Martin Lutero*"¹⁰, disserta sobre as idéias de Lutero nestas duas instâncias

¹⁰ *Scritti Religiosi di Martin Lutero*, 1967.

da sociedade, colocando-a enquanto *pensamento estrutural*, que buscava sobretudo colocar na Igreja um funcionamento que não fosse estranho à concreta vida cotidiana. A questão estende-se ao que relaciona-se o governo espiritual com o governo humano. Para o autor, ainda, Lutero buscava na leitura direta *da Igreja sobre as escrituras* o valor que unisse, de certa forma, as palavras de Deus. Aos domingos de missa, portanto.?

O "tempo de Lutero" (mais antigo expoente das Reformas do período) é tempo de especial leitura acerca da conduta de vida baseado em Cristo. Pouco tempo antes de seu nascimento, a obra de Tomás de Kempis (1380-1471), intitulada "*Imitatio Christi*", ou "*A Imitação de Cristo*", provava tal afirmativa, servindo como guia de como viver de acordo com os preceitos humanos e simples de Jesus Cristo.

A obra de Kempis, originalmente produzida e publicada no século XVI, está disponível nos acervos da Biblioteca Nacional, numa edição que foi traduzida por Fr. Antonio de Padua e Bellas e publicada, na "Typografia Rollandiana", em Lisboa, no ano de 1785¹¹. Composta por quatro livros, "*Imitatio Christi*" surpreende pela quantidade de reprodução apenas em língua portuguesa - hoje acessíveis, em diversas outras edições e traduções, até mesmo pelo método de busca do portal de internet "*Google Books*". Esta popularidade evidente só torna mais relevante as preocupações aqui citadas, sempre constantes.

Continuamente, Kempis afirma e reafirma o papel humano, inocente e simples, de quem se preocupa com o verdadeiro legado de Cristo. Mesmo não sendo, faz-se necessário a ressalva, contemporâneo ao centro dos conflitos religiosos, a obra segue uma linha de leitura que se distancia da que se pressupõe ser a da Igreja de Roma do período. Isto é, os ataques aos pecados que permeiam a vida dos religiosos encontram-se numa constância facilmente perceptível.

Seu livro inicia-se com a assertiva de Cristo que mais norteia a obra: "*Quem me segue não anda em trevas*". Portanto, para - em suas palavras - "*se ver livre de toda a cegueira do coração*", era necessário imitar Cristo, seguir seus passos segundo àquilo que o mesmo deixara para os seus. Acima de tudo: "*Viestes para servir, e não para governar*".

Ainda no início encontra-se um curioso asserto, que merece observação: "*De que te serve disputar altas coisas sobre a Trindade, se por soberbo desagradas a essa*

¹¹ KEMPIS. *Imitatio Christi*, 1785.

mesma trindade?". A discussão acerca da Trindade nunca perdera seu fôlego, de fato; Alain de Libera a colocara entre as pilastras da atuação filosófica dos primeiros séculos da Idade Média, como citamos no início deste ensaio. Kempis a põe, percebe-se, a par da real conduta a ser valorizada. Discussão de cunho filosófico, como em seu período era comum, não sobrepunha ao dia a dia da vida religiosa. Cristo é a chave de interpretação do mundo, para além, talvez, para Kempis, de seu estatuto enquanto objeto de discussão.

No ano de 1540, Lutero elabora uma sucessão de teses que respondiam teorias acerca do caráter *estritamente* humano de Cristo. Trata-se do debate intitulado "*Sobre a Divindade e a Humanidade de Cristo*", presente nas "*Obras Seleccionadas*"¹², de Martinho Lutero, que nesse debate pretendia combater questões elaboradas por um teólogo denominado Gaspar de Schwenckfeld (1489-1561), notório crítico das ideias teológicas do monge agostiniano e defensor da "humanidade divinizada" de Jesus Cristo.

Lutero pusera-se num *carrefour* filosófico que faz-se necessário aqui o destaque: Jesus, ao mesmo que humano, é também divino. Isto é, a despeito de sua divindade continuaria sendo humano. Dessa forma, "*para que o que é característico do homem possa ser afirmado corretamente de Deus, e por outro lado o que é característico de Deus possa ser afirmado do homem*"¹³, divino e humano precisam formar uma unidade em Cristo.

A isso, que "logicamente" não cabe, é atribuído um certo paradoxo: típico das *disputatio*, aquela "*méthode d'enseignement, exerce d'apprentissage et épreuve de compétence professionnelle imposée par la corporation*"¹⁴ de teologia do período, são entendíveis enquanto elementos de reflexão característicos dos debates deste tipo. Mesmo assim, entretanto, a leitura prática do valoroso na conduta humana de Cristo permanece sendo o que rege a visão de Igreja de Lutero. Conduta enquanto homem divino, e não condição de *criatura*.

O que diz Lutero equivale, *grosso modo*, ao mesmo que disseram os nicenos nos debates acerca do Dogma Trinitário da Antiguidade tardia. O caráter "uno" de Cristo reside em ser divino e humano, e não humano divinizado, que daria margem às interpretações "grosseiras" - na visão de Lutero - que reduziam Cristo a um humano

¹² LUTERO. *Obras Seleccionadas*, 1992.

¹³ *Ibidem*, p. 277

¹⁴ BAZÀN, et all. *Les Questions Disputées et Les Questions Quodlibétiques...*, 1982, p.23.

enquanto *criatura* sofredora, como faziam os anabatistas. O monge ainda afirma, com todas as letras, que, com isso, com essa compreensão de Cristo, "*cai Ário e todos os heréticos*"¹⁵.

E o mesmo diz, sob outros aspectos, João Calvino. No capítulo XIII do segundo volume de suas "*Institutas*"¹⁶, cujo título é "*Cristo se revestiu da verdadeira substância da carne humana*"¹⁷, defende a tese de que Jesus fora, em vida, humano, mas humano enquanto ser cuja relação com esta condição permanece divina; e só por ele, em termos práticos, alcançar-se-á a plena relação com Deus. Trata-se, neste texto, de uma refutação das teses "Maniquéo-Marcionitas", que, segundo o autor, eram contra a real condição humana de Cristo.

Mesmo enquanto humano, cabe ressaltar, Calvino também preocupa-se em negar o caráter de criatura pecadora de Cristo. Aqui, vê-se, esta visão une-se notavelmente à de Lutero. O ponto 4 do capítulo em questão é, literalmente, "*Cristo, homem real, contudo sem pecado, unidas a divindade e a humanidade*"¹⁸. Para Calvino, os homens os quais procura refutar consideram vergonhosa a condição humana de Cristo, pois o comparam com a condição de Adão. Calvino, entretanto, diz que Adão é criatura que, por acidente, por efeito de sua queda, desce ao mundo na condição de pecador. Jesus, por outro lado, desce ao mundo na condição de pureza a despeito de sua verdadeira natureza de homem, que, nestes termos, é diretamente conectada a uma ideia de que a forma perfeita (que não se fez em Adão, o primeiro) do homem é refletida em Cristo.

Estas questões teológicas demarcam a discussão da humanidade ou divindade de Cristo em termos de disputa, contestações, exegeses; mas ela toma sobretudo formas de práticas e constatações que os historiadores têm de arcar em suas análises. São, no entanto, umas reflexos das outras. Entende-se perfeitamente as correlações entre as estruturas de compreensão de funcionamento da religião cristã diferentemente, nuns mais e em outros menos, compreendida em cada um dos personagens retratados brevemente neste ensaio.

Em Lutero, percebe-se o que o já citado Valdo Vinay chama de "*teologia della croce*"¹⁹, por exemplo. É crucial para compreender-se como ao mesmo tempo Lutero

¹⁵ LUTERO. *Op.Cit.*, 1992, p.281.

¹⁶ CALVINO. *As Institutas* ou *Tratado da Religião Cristã*, 1559.

¹⁷ *Ibidem*, p.230.

¹⁸ *Ibidem*, p.235.

¹⁹ *Scritti Religiosi di Martin Lutero*, 1967, p.28.

defende e ataca a ideia de Cristo homem. Nas suas críticas à Igreja, prevalece a construção de uma Igreja humana, isto é, que tem de entender o homem enquanto passível de sofrimentos tais quais Cristo. É no *Cristo* sofredor que busca-se o conhecimento de Deus. Por este fato *Jesus* tem ser, ao mesmo tempo que humano, divino. *Jesus* e *Cristo*, simultaneamente, como propomos a distinção ao longo deste ensaio. Une-se, nele, o sofrimento necessário à teologia luterana com a busca do conhecimento de Deus. Trata-se, como ressaltado aqui inúmeras vezes, de uma certa teologia da humildade, típica de onde Lutero estava inserido: uma vida e espiritualidade monástica. A humildade, neste caso, advém do perdão dos pecados e da graça divina²⁰

Em Calvino esta teologia reveste-se de discussões acerca do livre-arbítrio da condição humana no mundo. De, também - e sobretudo -, fazer-se de si um maior mediador da conduta religiosa. O verdadeiro conhecimento dos escritos, da bíblia enquanto palavra de Deus escrita, é necessário para que alguém chegue a Deus plenamente. O que definitivamente o opõe do projeto religioso de Lutero é exposto claramente no título do sétimo capítulo do Vol. I de suas *Institutas*. Diz-se, após perguntar-se o que é necessário para que se estabeleça o contato direto e correto das escrituras: "*evidentemente, [depende] do espírito. Daí ser ímpia falsidade sustentar que sua credibilidade depende do arbítrio da Igreja.*". O projeto religioso, se é que se pode chamar desta forma, de Calvino não é a estrutura que pensa Lutero. Equivale, nestes aspectos, mais até às formas independentes dos anabatistas.

Apesar das possíveis similaridades quanto à conduta religiosa, sobretudo enquanto opositores ao poder da Igreja de Roma, Lutero e os anabatistas - liderados por Thomas Muntzer (1489-1525) - não dividiam a mesma concepção de estrutura social, política e teológica, como deve-se ter percebido pela breve exposição. E nem, por estes e outros motivos, compartilhavam dos mesmos ideais de Calvino. Enquanto Lutero defendia a nobreza, Thomas Muntzer era um "teólogo da revolução", ligado profundamente às lutas sociais e religiosas dos camponeses anabatistas - fato que posteriormente o fez adquirir contornos de personagem revolucionário entre os escritores de esquerda, sobretudo ao longo do século XX²¹. E Calvino, por sua vez, é reflexo de uma realidade de cidade que não equivale a de seus colegas; a defesa dos dois primeiros residia numa realidade mais "medieval", enquanto a deste é um mundo mais "burguês", cidadão.

²⁰ *Scritti Religiosi di Martin Lutero*, 1967, p.17.

²¹ BLOCH. *Thomas Munzer, teólogo de la revolución*, 1968.

"Simplicidade" e "viver de acordo com as escrituras" (leia-se "viver como Cristo") não exatamente falam a mesma língua. Nem em questões filosóficas, políticas ou teológicas, como exposto. As contendas entre Lutero e Muntzer (junto aos anabatistas, como líder e defensor), quando aquele respondeu os 12 artigos dos camponeses e este o retrucou, terminaram com a morte, pelas mãos de Luteranos e Católicos, de pelo menos oito mil camponeses, inclusive Muntzer, na batalha de Frankenhausen. Mesmo com a soma de poderes entre adversários, o que torna ainda mais evidente o perigo que representara o anabatismo, o teólogo Muntzer morre, mas o anabatismo não. Nem suas similaridades teológicas, que não impediram o sangüinário confronto, morrem. O que evidencia-se, neste massacre, é o encontro de duas *visões de sociedade* que opunham-se.

Elemento a ser seguido, acima de tudo. Para uns, como evidencia-se pela longa obra de Thomas de Kempis, pelas de Lutero, pelos escritos de Calvino e pelas crenças anabatistas, mais Jesus, mais humano, mesmo enquanto ainda divino. Para outros, mais Cristo, mais *puramente* divino, distante, sob certos aspectos, até da realidade social de boa parte da Europa - que distinguia-se, notadamente, da realidade católica romana. Há, portanto, em meio a todas estas questões que movem os constantes embates religiosos, claras diferenciações interpretativas acerca da figura de Jesus. Todas, pode-se dizer, ressignificações de um longo e intenso debate trinitário, que ressurgem sob outras formas nos moldes das disputas do período medieval e que toma sua forma mais decisiva no período das grandes reformas.

Enriquece a reflexão acerca dos "tipos" de Cristo justamente este assunto da querela medieval, que, como dito no início deste ensaio e citado no parágrafo anterior, voltará à cena neste momento. Importa-se, aqui, a seção em que Libera, naquele mesmo livro, expõe brevemente o percurso social e filosófico de John Wyclif (1328-1384). O "intelectual" - termo caro à discussão que propõe o autor - empenhara-se, junto a alguns outros personagens do período (como Mestre Eckhart (1260-1328), renomado frade alemão), exatamente em "viver como Cristo".

Porta-voz de uma evangelização a partir do *studium* universitário, Wyclif almejava a imitação de Cristo pura e simplesmente em termos divinos. Não a mesma, cabe ressaltar, a que viria ser a de Thomas Muntzer. Ou seja, a humanidade sofredora admitida como situação do homem que imita Cristo (tal como, um século mais tarde, defendera os já abordados Thomás de Kempis, Thomas Muntzer e Martinho Lutero - cada um à sua forma) foi, aos moldes de sua compreensão filosófica, substituída para

uma "divina pobreza", isto é, a livre escolha do religioso que, por meio desta condição (a de humano sofredor), aproxima-se do divino. Este elemento de compreensão é um reflexo de sua época, de seu lugar de atuação; buscava-se naquele momento a compreensão e o encaixe entre o (poder etc.) temporal e o espiritual, aos moldes deste período de fins da Idade Média. Mas isto é já um outro grande e diferente assunto, apesar de ainda vivo nos escritos do XVI.

Por fim, compreendemos que toda esta conjuntura de conflitos religiosos do início do período moderno levou a Igreja de Roma a programar-se em respostas à altura dos grandes reformadores. O preparo para grandes confrontos intelectuais fazia parte da formação religiosa que a Igreja de Roma idealizara. A Companhia de Jesus, lar de notórios intelectuais da modernidade, com profundo e marcante papel na expansão religiosa do novo mundo, por exemplo, fora fundada em 1541 com o objetivo de sobretudo combater a Reforma Protestante. E estes, tão marcantes na História do Brasil Colonial, certamente formaram parte do público leitor das obras que até hoje se encontram nos acervos da Fundação Biblioteca Nacional - isto, evidentemente, se acreditarmos que toda biblioteca revela seu leitor.

BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. A propósito dos fundamentos doutrinários da formação sacerdotal nos tempos modernos. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 35, n. 21, p. 182-209, maio/ago. 2009.

BAZÀN, B. C.; FRANSEN, G.; WIPPEL, J. W. & JACQUART, D. *Les Questions Disputées et Les Questions Quodlibétiques dans les Facultés de Théologie, de Droit et de Médecine*. Turnhout, Belgium: Brepols, 1982.

BLOCH, Ernst. *Thomas Munzer, teólogo de la revolución*. Madrid: Editorial Ciencia Nueva, 1968. (Loc.: FBN - O. G. - II-478,2,42. Edição em língua portuguesa)

CALVINO, João. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. Vol. 1, 2 e 4. Edição clássica (latim). Texto de 1559. S/d. (na FBN em edição especial com notas para estudo e pesquisa. Loc.: : FBN - O. G. I-199,6,22-25)

CANTIMORI, Delio. *Los historiadores y la historia*. Edicions 62, 1985.

CANFORA, Luciano. *Livro e liberdade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Ateliê Editorial, 2003. (Loc.: FBN - O. G. - V-215,3,54)

DE BONI, Luis Alberto. *Escritos seletos de Martinho Lutero, Tomás Müntzer e João Calvino*. Organização, revisão e apresentação de Luis Alberto de Boni; tradução de Ilson Kayser, Martin N. Dreher, Helberto Michel, Arno F. Steltzer e Sabatini Lalli. Petrópolis: Vozes, 2000 (Loc.: FBN - O. G. - I-171,2,33)

EHRMAN, Bart D.; JACOBS, Andrew S. *Christianity in Late Antiquity - 300-450 C.E: a reader*. New York: Oxford University Press, 2004.

FIRPO, Luigi. A utopia política na Contra-Reforma. *Quaderno Primo. Contributi alla storia del Concilio di Trento e della Controriforma*. Firenze: Vallecchi, 1948.

KEMPIS, Thomás de. *Imitatio Christi*. Em português: A Imitação de Christo. Traduzida por Fr. Antonio de Padua e Bellas. Lisboa [Portugal]: Na Typografia Rollandiana, 1785. (Loc.: FBN O. R. - V-35,1,20)

LIBERA, Alain de. *A Filosofia Medieval*. 3ª ed. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 1998 (Loc.: FBN O.G.: I - 85,3,26).

LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. Vol. 3: Debates e Controvérsias, I. Porto Alegre: Editora Sinodal São Leopoldo, 1992.

LUTHER, Martin. [Les grands écrits réformateurs] *A la noblesse chrétienne de la nation allemande, An den christlichen adel deustcher nation*. La liberté du chrétien von der freiheit eines christenmenschen. Paris: Aubier, 1952: [s.n.] (Loc.: FBN - O. G. - II-413,2,24)

PAPA, Helena Amália. *Uma análise político-religiosa da contenda entre Basílio de Cesareia e Eunômio de Cízico (séc. IV d.C.)*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2013.

PAPA, Helena Amália. *A autoafirmação de um Bispo: Gregório de Nissa e sua visão condenatória aos Eunomianos (360-394 d.C.)*. 2014. Tese de Doutorado. Franca: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UNESP, 2014.

PAPA, Helena Amália. Relações de Poder entre Bispo e Imperador: uma proposta interpretativa acerca da oficialização do cristianismo a partir de Gregório de Nissa e Teodósio I (século IV). *História*, São Paulo, v.35, e93, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742016000100311&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 set. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-436920160000000093>.

REED, Annette Yoshiko. Pseudepigraphy, Authorship, and the Reception of 'the Bible' in Late Antiquity. *The Reception and Interpretation of the Bible in Late Antiquity: proceedings of the Montreal colloquium in honour of Charles Kannengiesser*, 11-13 October 2006. Leiden, Boston: Edited by Lorenzo DiTommaso & Lucian Turcescu, 2006.

Scritti Religiosi di Martin Lutero. A cura di Valdo Vinay. Turim: Unione Tipografica - Editrice Torinese, 1967.

SILVA, Gilvan Ventura da. A Relação Estado/Igreja no Império Romano (séculos III e

IV). In: _____; MENDES, Norma Musco (Org.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad. Vitória, ES: EDUFES, 2006.

SPINELLI, Miguel. A controvérsia de Basílio com Eunômio, o teórico do arianismo. In: *Helenização e recriação de sentidos: a filosofia na época da expansão do cristianismo - séculos II, III e IV*. Caxias do Sul: EDUCS, 2015. (Na FBN consta a edição de 2002: Loc.: O. G. - VI-145,4,1)

APÊNDICE

MINISTÉRIO DA CULTURA - FUNDAÇÃO DA BIBLIOTECA NACIONAL NÚCLEO DE PESQUISA PROGRAMA NACIONAL DE APOIO À PESQUISA - PNAP-R Tabela de obras - Helena Amália Papa				
LOC. FBN	AUTOR	REFERÊNCIA COMPLETA	ANO PUBL.	LOCAL DE PUBLICAÇÃO
OR Z001,002,017 n. 014	Pseudo-Constantino	CONSTANTINO. Donatio Constantini/Bartholomei Picerni de Montearno, ad Julium II. Praefatio edictis, sive quam e graeco in latinum convertit feliciter. Imprenta: [S. l. : , s. n. , , 15...].	1500 a 1513	Nurembergue - Alemanha
OR 060,002,015	Código Teodosiano	CODEX THEODOSIANUS. E libris constitutionum Theodosusi libri priores octo longe meliores quam ad huc circumfeantur sed ab Alarico rege Gothorum ita deminuti, ut visc decima pars in his bodie appareat eoru[m], quoe in Theodosiano codice continebantur : posteriores octo integri. Imprenta: Paris [França], 1550.	1550 Da Real Bibliotheca	Paris - França
OR 236,05,04-06	Código Teodosiano	CODEX THEODOSIANUS. Codex Theodosianus cum perpetuis commentariis Jacobi Gothofredi. Opus posthumum opera et studio Antonii Marvili. Imprenta: Lugduni [França], Joannis Antonii Huguetan et Marci-Antonii Ravaud, 1665. 3 vol. Da Real Bibliotheca.	1665 Da Real Bibliotheca	França
OR Z001,004BIS,00 9	Eusébio de Cesareia 265-339 d.C.	EUSEBIO DE CESAREIA. Hystoria ecclesiastica. Imprenta: Parisii, Diligentia Pierre Levet; Expensis Joha[n]nis de Co[m]bete[nsi]s, pridie kalendas septembris [31 ago.] 1497.	1497	Paris - França
OR W001,002BIS,0	Eusébio de Cesareia	EUSEBIO DE CESAREIA. Hystoria dela Yglesia que llamã		

16	265-339 d.C.	Ecclesiastica y Tripartita/ Abreviada y trasladada de Latin en Castellano, por vn Religioso dela orden de sancto Domingo [Fr Juan de la Cruz] Y aora nueuamente reuista Y corregida por el mesmo imterprete. Imprenta: Coimbra [Portugal], Juan Alvarez, 1554.	1554	Coimbra - Portugal
OR 119,002,002	Eusébio de Cesareia 265-339 d.C.	EUSEBIO DE CESAREIA. Ecclesiastica hystoria Eusebii Caesarinensis viri de vita ac literis ... integritati restituta in lucem educta. Imprenta: Imprensa Lugduni [Lyon, Franca], per Beneditum Bounyum ... sumptib[us] ... Jacobi q. Francisci de Giuncta,, 1526. Da Real Bibliotheca.	1526 Da Real Bibliotheca	Lyon – França
OR Z002,003,005/	Eusébio de Cesareia 265-339 d.C.	EUSEBIO DE CESAREIA. Eusebii Caesariensis Episcopi Chronicon: id est temporarum breviarium incipit foeliciter quem Hieronymus Praesbiter divino Eius ingenio latinum facere curavit: et us que Valente[m] Caesarem Romano Adiecit Eloquio. Que[m] et Prosper deinde Mathe[?] Palmeri[?]. Imprenta: Venetiis [Itália]: Erhardus Ratdolt, Idibus septembris [13 set.] 1483.	1483	Veneza - Itália
OR 211,001,027	Eusébio de Cesareia 265-339 d.C.	EUSEBIO DE CESAREIA. Eusebii Pamphili episcopi Caesarea, quae est Palaestine, de vita Constantini Imperat libri quinq, recens conuersi de / Ioanne Portesio interprete. Imprenta: Paris [Franca]:, Ex. Officina M ... Fezandat, 1546. Da Real Bibliotheca.	1546 Da Real Bibliotheca	Paris - França
OG V-013,07,08	Eusébio de Cesareia 265-339 d.C.	EUSEBIO DE CESAREIA. Eusebii Pamphili... Commentarii in Psalmos... Imprenta: Parisiis [Franca], Sumptibus Claudii Rigaud, 1706. Da Real Bibliotheca.	1706 Da Real Bibliotheca	Paris - França
OR 219,01,02	Eusébio de Cesareia 265-339 d.C.	EUSEBIO DE CESAREIA. Evsebii Pamphili... De Demonstratione Evangelica Libri Decem. Quibus accessere nondum hactenus editi nec visi contra Marcellum Ancyrae Episcopum. Imprenta: Coloniae [Alemanha], Sumptibus Mavritti	1688 Da Real Bibliotheca	Alemanha

		Georgii Weidmanni, 1688. Da Real Bibliotheca.		
OR 119,2,16,n.1	Eusébio de Cesareia 265-339 d.C.	EUSEBIO DE CESAREIA. En Damus Chronicon divinum plane opus cruditissimorum autorum repetitum ab ipso mundi initio ad annum usque salutis MDXII ... /, Eusebii Pamphili Caesariensis, D. Hieronymo interprete ... Imprenta: Basileae [Suica] ;, Excudebat Henricus Petrus,, 1529. Da Real Bibliotheca.	1529 Da Real Bibliotheca	Suíça
OR 057D,004,013	Eusébio de Cesareia 265-339 d.C.	EUSEBIO DE CESAREIA. Onomasticon urbium et locorum Sacrae Scripturae, seu liber de locis hebraicis grace primum ab Eusebio Caesariense, diende latine scriptus... Imprenta: Amstelaedami:, Excudit Franciscus Halma..., 1707. Da Real Bibliotheca.	1707 Da Real Bibliotheca	Amsterdam - Holanda
OR 098,004,048/MF N: 5219.	Eusébio de Cesareia 265-339 d.C.	EUSEBIO DE CESAREIA. Chronicon /, Eusebium Pamphilum Caesariensem ... [et al.]. - Imprenta: Basileae [Suica], Excudeat Henricus Petrus,, 1536. Da Real Bibliotheca.	1536 Da Real Bibliotheca	Suíça
OR 094B,05,11	Eusébio de Cesareia 265-339 d.C.	EUSEBIO DE CESAREIA. Thesaurus temporum Eusebii Pamphili Caesareae Palestinae episcopi, Chronicorum canonum omnimodae historiae libri duo interprete Hieronymo... opera ae studio Josephi Justi Scaligeri. Imprenta: Amstelodami [Holanda], apud Joannem Janssonium, 1658. Da Real Bibliotheca.	1658 Da Real Bibliotheca	Amsterdam - Holanda
OR 055,02,32 n.03	Basílio de Cesareia (329/331-378 d.C.)	BASÍLIO DE CESAREIA. Divi Basilii magni... De agendis Deo gratiis, Eiusdem fermo in Julittam martyrem... Imprenta: Lovanii [Suica], Ex Officina Rutgeri Rescii, 1541. Da Real Bibliotheca.	1541 Da Real Bibliotheca	Suíça
OR 132,01,02	Basílio de Cesareia (329/331-378 d.C.)	BASÍLIO DE CESAREIA. Sanctorum patrum Basilii Magni et Joannis Chrysostomi Homiliae selectae graecae latinae. Imprenta: Patavii [Italia], Ex Typographia Seminarii, 1687. Da Real Bibliotheca.	1687 Da Real Bibliotheca	Itália
OR 057F,005,011	Basílio de Cesareia (329/331-378	BASÍLIO DE CESAREIA. Divi Basilii Magni Caesareae Cappadociae quondam	1566 Da Real	Paris - França

	d.C.)	archiepiscopi omnia quae in hunc diem latino sermone donota sunt opera ... Imprenta: Parisiis [França] : Apud Joannem de Roigny ..., 1566.	Bibliotheca	
OR 236,03,09-10	Gregório de Nissa (335/340-394 d.C.)	GREGÓRIO DE NISSA. S. Patris nostri Gregorii episcopi Nysseni... Opera omnia quae reperiri potverunt, Graece Latine nunc primum ex Mnss. codd. in lucem edita, in duos tomos divisa. Imprenta: Parisiis [França], Apud Michaellem Sonnivm, 1615. Da Real Bibliotheca.	1615 Da Real Bibliotheca	Paris - França
OR 207,002,012	Gregório de Nissa (335/340-394 d.C.)	GREGÓRIO DE NISSA. Divi Gregori, episcopi Nysseni ..., opera quae adipisci licuit omnia ... de graego in latinum a diversis, sed patissimum a D. Laurentio Sifano, ... translata. Imprenta: Basileae [Suíça], per Nic. Episcopium Iunioem,, 1562. Da Real Bibliotheca.	1562 Da Real Bibliotheca	Suíça
OG V-126,01,05	Gregório de Nissa (335/340-394 d.C.)	GREGÓRIO DE NISSA. Byzantina historia, Tomus primus... Tomus secundus. Imprenta: Paris [França], Typographia Regia, 1702. Da Real Bibliotheca.	1702 Da Real Bibliotheca	Paris - França
OR 003A,002,015, ex.1; 121,005,011 n.002, ex.2	Gregório de Nazianzo (325-390 d.C.)	GREGÓRIO DE NAZIANZO. Due orationi di Gregorio Nazanzeno ... et il Primo Sermone di S. Cecilo Cipriano ... /, Fatte in lingua toscana dal Commendatore Annibal Caro. Imprenta: In Venetia [Veneza, Italia] , Appresso Aldo Manutio, 1569.	1569	Veneza - Itália
OR Z001,002,004 MFN: 0830.	Agostinho de Hipona (354-430 d.C.)	AGOSTINHO. Augustinus de Trinitate. Imprenta: [Basileia, Suíça] :, Johann de Amerbach, 1490.	1490	Suíça
OR 057C,004,007	Ambrósio de Milão (337-397 d.C.)	AMBROSIO DE MILÃO. Raccolta di trattati, opuscoli, epistole, sermoni d' SS. Padri Greci, e latini intorno ai doveri degli ecclesiastici tratti in Italiano, e illustrati con copiosissime note da frate Felice Maria da Napoli... /, Intitolato all' eccellentissimo signore il signor marchese D. Gaetano Maria Brancone... Imprenta: In Napoli [Itália] :, Presso Giovanni di Simone, 1756. Da Real Bibliotheca.	1756 Da Real Bibliotheca.	Nápoles - Itália

OG V-183,5,8/	Ambrósio de Milão (337-397 d.C.)	AMBROSIO DE MILÃO. Sancti Ambrosii ... Opera, ad manuscriptos codices vaticanos, gallicanos, belgicos /, Sancti Ambrosii. Imprenta: Venetiis[Italia], Typis Joannis Baptiste Albrici, Hieronyme Filii, 1748-51. 4 v. Da Real Bibliotheca.	1748-51 Da Real Bibliotheca	Veneza - Itália
OR 226,004,002-004	Ambrósio de Milão (337-397 d.C.)	AMBROSIO DE MILÃO. [Divi Ambrosii ... opera ...]. Imprenta: Parisiis [Franca] :, Excudebat Jamet Mettayer, 1584-[1586]. 3v. Da Real Bibliotheca.	1584-[1586] Da Real Bibliotheca.	Paris - França
OR 236,4,5	Ambrósio de Milão (337-397 d.C.)	AMBROSIO DE MILÃO. Opera D. Ambrosii Mediolanensis episcopi quatenus in hunc usque diem ubi extare noscuntur, omnia [et], eadem quantis maximis uixque ulli aestimandis sudoribus fieri potuit, ad coll [...] em exemplarium venerandae antiquitatis ... - Imprenta: Parisiis [Franca], Apud Carolam Guillard ... [et] Gulielmum Desboys, 1549. Da Real Bibliotheca.	1549 Da Real Bibliotheca.	Paris - França
OR Z001,003BIS,002	Ambrósio de Milão (337-397 d.C.)	AMBROSIO DE MILÃO. Incipit liber Ambrosij episcopi exameron id est de sex dierum operibus in principio mundi. - Imprenta: [Colonia:, Johannes Guldenschaff,, ca. 1480].	1480	Alemanha
OR 3A,1,22	Ambrósio de Milão (337-397 d.C.)	AMBROSIO DE MILÃO. Divi Ambrosii episcopi mediolanensis Commentarii in omnes Diui Pauli epistolas, ex restitutione D. Erasmi diligenter recogniti ... Imprenta: Coloniae [Alemanha]:, Apud Ioannem Gymnicum, 1530.	1530	Alemanha
OR 200,02,01	Ambrósio de Milão (337-397 d.C.)	AMBROSIO DE MILÃO. De vera, et unica nobilitate, s. Ambrosii mente noviter enucleata. Imprenta: Salamanticae [Espanha], Ex Officina Hyacinthi Taberniel, 1629. Da Real Bibliotheca.	1629 Da Real Bibliotheca.	Salamanca - Espanha
OR 230,005,008-009	Ambrósio de Milão (337-397 d.C.)	AMBROSIO DE MILÃO. Sancti Ambrosii... Opera ad manuscriptos, codices vaticanos, gallicanos, belgicos..., nec-non ad editiones veteres emendata studio et labore monachorum ordinis S. Benedicti... Imprenta: Parisiis [Franca], Sumtibus Johannis Baptistae Coignard, 1686-1690.	1686-1690 Da Real Bibliotheca.	Paris - França

		Da Real Bibliotheca.		
OG V-030,07,01- 03	Ambrósio de Milão (337-397 d.C.)	AMBROSIO DE MILÃO. Sancti Ambrosii... Opera, ad manuscriptos codices vaticanos, gallicanos, belgicos... Imprenta: Venetiis [Italia], Sumptibus, typis Joannis Baptistae Albrizzi, Hieronymi Fili..., 1748. V.2-4. Da Real Bibliotheca.	1748 Da Real Bibliotheca.	Veneza - Itália
OG V-114,01,22	Ambrósio de Milão (337-397 d.C.)	AMBROSIO DE MILÃO. Os tres livros das obrigacoens christans e civis / do grande Padre da Igreja Sto Ambrozio Bispo de Milao. Traduzidas... por Joze Caietano de Mesquita. Imprenta: Lisboa [Portugal], Na Off. de Antonio Rodrigues Galhardo, 1768.	1768	Lisboa - Portugal
OR 001C,001,009	Ulfila (311-383 d.C. - Bispo ariano que traduziu as Escrituras para o gótico)	ULFILA. D.N. Jesus Christi SS. Evangelia ab Ulfila Gothorum in Moesia Episcopo Circa Annum à Nato Christo CCCLX, Ex Graeco Gothicé translata, nunc cum Parallelis Versionibus, Sveo-Gothicã, Norraenã, seu Islandicã, vulgatã latinã edita. Imprenta: Stockholmae: Typis Nicolai Wankiff..., 1671.	1671	Estocolmo - Suécia